

A musicoterapia e sua inserção na Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte/MG

Frederico Gonçalves Pedrosa¹

Ivan Moriá Borges Rodrigues²

Rodrigo Camargos Cordeiro³

Resumo

O desenvolvimento do campo de saber da Musicoterapia está, historicamente, atrelado aos estudos e às práticas voltados para, o que hoje chamamos de, saúde mental. Este texto propõe breve exposição do contexto atual dos tratamentos em Saúde Mental em âmbito nacional e a inserção da Musicoterapia na Rede belorizontina, apontado que esta área do saber tem levado a cabo práticas alinhadas ao pensamento da Reforma Psiquiátrica.

Desde a antiguidade clássica até início do século passado a música esteve presente nos cuidados do que hoje se chama Saúde Mental, a partir de vinculação com os pensamentos de cada época (PUCHIVAILO, 2008). Este fato continuou presente na gênese da Musicoterapia moderna (RUUD, 1990), que se deu no tratamento de “neuróticos de guerra” após a Segunda Grande Guerra Mundial.

No contexto brasileiro, pode-se dizer que o cuidado institucionalizado da loucura se dá a partir da segunda metade do século XIX, com a criação do Hospício Pedro II (DEVERA; ROSA, 2007). Nestes mais de 150 anos, o campo da saúde mental foi palco de diversas lutas sócio-políticas, passando por vários desenvolvimentos, entre eles a Psiquiatria Científica, o asilamento e, mais recentemente, a Reforma Psiquiátrica (*Idem*).

A Reforma Psiquiátrica brasileira tem início em movimentos sociais e políticos que “emergiram e convergiram no processo de redemocratização do país, a partir dos finais da década de 1970” (NUNES; SIQUEIRA-SILVA, 2016, p.214). Mesmo contando com inúmeras práticas descentralizadas além de congressos nacionais e internacionais desde o início dos anos 80, esta política foi oficializada apenas no ano de 2001, com a aprovação da lei 10.216, projetada pelo deputado Paulo Delgado de Minas Gerais.

Propondo tratamento e proteção e dos direitos de pessoas portadoras de transtornos mentais e redirecionando o modelo assistencial em Saúde Mental, a lei referida conseguiu e consegue promover ações como: diminuição de leitos em hospitais psiquiátricos; abertura de leitos em hospitais gerais; tratamento em rede; humanização, equidade e desestigmatização dos sujeitos que lhe garantem cidadania e respeito aos seus direitos. A música, além de outras formas de arte, também fez e faz parte destes processos⁴.

¹ Docente da Graduação em Música com Habilitação em Musicoterapia da UFMG, Mestre em Música pela UFPR (2017) e Bacharel em Musicoterapia pela FAP (2010). E-mail: fredericopedrosa@ufmg.br.

² Mestrando em Neurociências (UFMG) e Bacharel em Música com Habilitação em Musicoterapia pela UFMG (2017). E-mail: mtivanmoria@gmail.com.

³ Bacharel em Música com Habilitação em Musicoterapia pela UFMG (2017). E-mail: rodrigocordeiro199@gmail.com.

⁴ Este tema merece ampla revisão, não sendo possível realizar pelos limites deste texto. No entanto, indica-se o livro Siqueira-Silva (2016) como importante referência.

Música e Saúde Mental em Belo Horizonte

O processo de reformulação dos atendimentos em saúde mental no contexto belorizontino apresenta inúmeras particularidades, patentes, inclusive, na forma como são chamados os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs): Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM). Na capital mineira o processo inicia no ano de 1985 com formulação de equipes de saúde mental em alguns Centros de Saúde (NILO *et al*, 2008).

A Política de Saúde Mental de Belo Horizonte data de 1993, ou seja, é anterior a aprovação da Lei 10.216 (NILO *et al*, 2008). Atualmente, a cidade conta com vários dispositivos, atuando em rede. Pode-se encontrar 8 CERSAMs (que funcionam como CAPs III), 2 CERSAMi (infantil), 3 CERSAM AD (álcool e drogas), Serviços de urgência Psiquiátrica (SUP), Unidades de Acolhimento e 9 Centros de Convivência (PBH, 2018).

Além destes existem também Equipes Complementares, Equipes de Saúde Mental em Centros de Saúde, Arte da Saúde Ateliê de Cidadania, Incubadora de Empreendimentos Econômicos e Solidários/SURICATO, Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) e a Incubadora de Empreendimentos Econômicos e Solidários/SURICATO (*Idem*).

Esta vasta rede conta vários serviços prestados por artistas, dentre eles Babilak Blah, músico e poeta belorizontino que está a 15 anos frente ao grupo Trem Tan Tan. Este grupo foi criado a partir da experiência de um projeto em saúde mental junto aos usuários dos Centros de Convivência Venda Nova e Providência. Propõe a inserção social, o resgate de cidadania do sujeito com sofrimento mental e o tratamento em liberdade a partir de uma rede de serviços substitutivos ao manicômio (UFMG, 2016).

Após breve explanação sobre os serviços em saúde mental na capital mineira apresentaremos a recente inserção da Musicoterapia nesta rede.

Estágios em |Musicoterapia

Os estágios de Musicoterapia realizados nos CERSAMs – a partir de 2017 – são vinculados à graduação em Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que teve seu início em 2009. Dentre as disciplinas de prática clínica e estágio, que são ofertadas a partir do 6º período da graduação, os alunos podiam escolher entre populações como crianças com distúrbios do neurodesenvolvimento, adultos com doenças degenerativas, adultos hospitalizados vítimas de traumas e idosos institucionalizados. Não existia, portanto, o atendimento específico ao público com sofrimento mental.

No ano de 2016, os alunos Ivan Rodrigues e Rodrigo Cordeiro (dois dos autores deste texto) se interessaram pela Saúde Mental realizando pesquisas e apresentando

trabalhos em congressos sobre o tema – o que permitiu permuta de ideias com outros profissionais e contribuiu para o enriquecimento e desenvolvimento do trabalho.

Posteriormente criaram, sob orientação da professora musicoterapeuta Marina Horta Freire, o projeto de extensão “Musicoterapia na Saúde Mental”, nº SIEX 402786, que permitiu a ampliação de gama possibilidades clínicas aos alunos que estão na fase final do curso⁵. O projeto foi levado ao CERSAM Barreiro, recebido pela gerente Solange Mendes Abdo, que possibilitou o estágio curricular não remunerado a 2 alunos, iniciado em março de 2017.

Ainda no mesmo ano, após a conclusão dos estágios e do curso de graduação dos primeiros estagiários, iniciou-se contratações dos profissionais para o serviço. Atualmente Ivan e Rodrigo se dividem em 3 serviços cada, fazendo oficinas terapêuticas grupais com os usuários em permanência dia e hospitalidade noturna e preceptoria dos estagiários da Habilitação em Musicoterapia da UFMG. Atualmente conta-se com 6 aluno estagiários de musicoterapia.

A cada semestre os estagiários são inseridos no serviço realizando: preparação das salas para o atendimento além de condução de oficinas e elaboração de objetivos terapêuticos e relatórios. Semanalmente são feitas supervisões clínicas com o professor supervisor destes estágios nas dependências da UFMG.

Atuação profissional dos musicoterapeutas

O trabalho com aspectos subjetivos do indivíduo, voltados ao fazer musical, tanto com a utilização de instrumentos musicais quanto com o canto ou sons vocais, são muito valiosos para uma sessão de musicoterapia. A prática musical é constantemente estimulada, não exigindo maestria no fazer, e desta maneira a expressão individual do sujeito participante é percebida e validada sem julgamentos.

O objetivo principal das oficinas conduzidas no CERSAM é favorecer uma melhor compreensão das dificuldades pessoais de cada usuário do serviço, um encontro onde se promova caminhos para este se manifestar e desenvolver estratégias criativas para solucionar suas questões. A prática está sempre voltada ao fazer musical e sustentada pela musicalidade, que constantemente embarca o sujeito para fluir seus anseios internos que não se sustentam na oralidade das palavras.

Com um trabalho voltado à filosofia humanista, que visa atenuar as potencialidades do indivíduo, separando-o de sua condição física e psicológica e voltado para a essência do usuário, a Musicoterapia no contexto da saúde mental surge como uma possibilidade para

⁵ Hoje o Projeto de Extensão é Coordenado e supervisionado pelo professor Frederico Pedrosa – também autor deste texto.

os usuários do serviço explorarem atitudes e sentimentos que foram reprimidos por grande parte de suas vidas. Os conteúdos latentes muitas das vezes não ditos, são estimulados a se manifestarem durante as sessões de Musicoterapia através de atividades diversas, que podem ser voltadas para a composição ou improvisação musical e também para a reprodução ou audição musical.

As sessões de musicoterapia no CERSAM seguem uma ordem pré-estabelecida, mas que pode-se alterar de acordo com eventos ocorridos no instante da prática. A sessão tem uma duração total aproximada de 1h, que é dividida em 4 partes, a saber:

1. **Cortejo:** Uma canção foi composta pelos musicoterapeutas para convidar os usuários para as sessões. A canção é cantada nas dependências do serviço com o objetivo de anunciar e convidar os usuários para mais uma sessão. Neste momento se distribui alguns instrumentos musicais para que os usuários possam contagiar o espaço onde permanecem o dia com alegria e entusiasmo.
2. **Aquecimento:** Já na sala de oficina, se realiza atividades pré-musicais (BRUSCIA, 2016) envolvendo aquecimento corporal, aquecimento da voz, dinâmicas de movimentação corporal e apresentação do grupo. Foi percebido, a partir das práticas musicoterapêuticas, que um bom aquecimento favorece uma maior concentração e engajamento dos usuários em outras atividades.
3. **Desenvolvimento:** leva-se a cabo técnicas musicoterapêuticas alinhadas ao pensamento humanista, propondo-se: trabalhos com canções que possuem memórias afetivas trazidas pelos próprios usuários; recriação de canções populares com o grupo; criação de paródias e composições com assuntos de interesse dos participantes da sessão; realização de atividades para a coesão do grupo, e em consequência disso do indivíduo na sociedade; rodas de percussão; prática musical em conjunto; atividades para facilitar o controle de impulsos; estimulação de criatividade e a verticalização em sentimentos durante a produção musical. Durante o desenvolvimento dessas técnicas sempre deve haver conversas com o grupo a respeito das questões que surgiram durante as improvisações, composições e recriações musicais (BRUSCIA, 2016).
4. **Momento de Sistematização:** Após as atividades do dia, uma dinâmica ou conversa é sugerida como momento de organização e discussão de todas as questões que foram abordadas no dia. Neste momento os usuários têm um espaço para tirar dúvidas, dar sugestões e contar experiências a respeito da Musicoterapia.

Considerações Finais

As práticas musicoterapêuticas dentro dos âmbitos da Rede de Saúde Mental belorizontina ainda são recentes e tem-se muito a caminhar. Como exposto, as manifestações musicais se inserem dentro dos cuidados em saúde mental desde a antiguidade clássica e estão presentes mesmo no processo de vir-a-ser da profissão Musicoterapia. No contexto de Belo Horizonte estas as práticas musicais, a Musicoterapia e a Saúde Mental também tem se relacionado intimamente.

Com esta produção literária indica-se que a arte já está inserida nestes espaços sociais e que possuem bons frutos, como referido grupo Trem Tan-Tan. A musicoterapia, mais recentemente tem apresentado tratamentos substitutivos a partir um *corpus* de saber outro, levando em consideração as experiências musicais como forma de produzir saúde.

Referências

BRUSCIA, Kenneth, E. *Definindo musicoterapia*. Tradução Marcus Leopoldino. 3 ed. Barcelona: Barcelona Publishers, 2016.

DEVERA, Disete; COSTA-ROSA, Abílio. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira: Transformações na legislação, na ideologia e na práxis. In: *Revista de Psicologia da UNESP*, 6(1), 2007.

NUNES, João Arriscado; SIQUEIRA-SILVA, Raquel. Dos “abrismos do inconsciente” às razões da diferença: criação estética e descolonização da desrazão na Reforma Psiquiátrica Brasileira. In: *Sociologia* ano 18, nº43. Porto Alegre: 2016, p. 208-237.

OLIVEIRA, N.; MORAIS, M.A.B.; GUIMARÃES, M.B.L.; CASCONCELOS, M.E.; NOGUEIRA, M.T.G.; ABOUD-RD, M. (Org.). *Política de Saúde Mental de Belo Horizonte: O cotidiano de uma utopia*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde Mental de Belo Horizonte, 2008.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (PBH). *Saúde mental*. Belo Horizonte: 2018. In : <https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/informacoes/atencao-a-saude/saude-mental>. Acesso: 17/11/2018.

PUCHIVAILO, Mariana Cardoso. “...Um pouco de possível se não eu sufoco...”: a escuta da desrazão no fazer musicoterápico. Monografia (Musicoterapia). Curitiba: FAP, 2008.

RUUD, Even. *Caminhos da musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.

SIQUEIRA-SILVA, Raquel. *Conexões musicais: musicoterapia, saúde mental e teoria ator-rede*. Curitiba: Appris, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). *Muitas Culturas nos Campi apresenta Babilak Bah e Trem Tan Tan, no Quarta Doze e Trinta*. In: https://www.ufmg.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=1709%3Adac-muitas-culturas-nos-campi-apresenta-espetaculo-show-com-trem-tan-tan-no-quarta-doze-e-trinta-&catid=87%3Adestaque&Itemid=113%27. Acesso: 17/11/18